

Por uma anatomia das classes de sexo: Nicole-Claude Mathieu ou a consciência das oprimidas*

Jules Falquet**

Resumo:

É difícil apresentar em algumas páginas a obra de uma intelectual tão importante como Nicole-Claude Mathieu, falecida em 09 de março de 2014, que foi e continua uma das teóricas mais estimulantes do movimento feminista francês da segunda onda¹. Diante da irrupção de “perspectivas de gênero”, por vezes pouco teorizadas e mal dominadas, e da confusão crescente sobre o que é ou deveria ser o feminismo, a perspectiva colocada por Mathieu é hoje muito necessária.

Palavras-chave: Relações sociais de sexo; antropologia; epistemologia; feminismo; opressão.

Toward an anatomy of sexual classes: Nicole-Claude Mathieu or the conscience of oppressed women

Abstract:

It is difficult to present in a few pages the work of an intellectual as important as Nicole-Claude Mathieu, who died on March 9, 2014. She was and continues to be one of the most stimulating theorists of the second wave of the French feminist movement. Nevertheless, today, given the eruption of “gender perspectives,” which are sometimes under-theorized and poorly worked out, and given the growing confusion about what feminism should be, Mathieu’s perspective is very necessary.

Keywords: social relations of sex; anthropology; epistemology; feminism; oppression.

Três balizas para uma navegação de curso longo

Os trabalhos de Nicole-Claude Mathieu, pioneiros e afiados, relativamente pouco numerosos mas particularmente densos – testemunhos de uma época em que a qualidade primava sobre a quantidade bibliométrica – constituem um exem-

* Traduzido o original, em francês, por Maíra Kubík T. Mano, revisado pela autora. *Lutas Sociais* agradece à *Cahiers du Genre* e à Jules Falquet pela gentil autorização de traduzir este artigo. Para a versão francesa ver: Falquet (2011). Este artigo é uma versão reduzida do original, a versão completa está disponível na íntegra em <http://revistas.pucsp.br/index.php/lis/index>

** Doutora em Sociologia. Professora de Sociologia da Universidade Paris 7 – Diderot, Paris, França. End. eletrônico: jules.falquet@univ-paris-diderot.fr

¹ Agradeço à Nasima Moujoud por nossas conversas sobre esse texto.

plo de rigor, mas também de audácia intelectual. Essa capacidade de questionar sem cessar as bases dominantes do pensamento, permitida também pelo clima intelectual de todo um movimento que ajudou a desafiar até as teorias mais sedimentadas, é ainda mais notável quando se conhece a falta de abertura ou mesmo a agressividade da *intelligentsia* francesa no que diz respeito à teoria feminista.

Antes de nos lançarmos a uma das travessias possíveis de sua obra, convém apresentar alguns pontos de referência para balizar a viagem.

Lembremos de partida que Mathieu possui uma dupla ancoragem disciplinar, na Antropologia e na Sociologia, o que faz dela uma espécie de “duplo espírito” com capacidades de percepção ampliadas – se é possível transpor assim a concepção relativa aos *berdaches* de certas populações indígenas da América do Norte. Ou, para retomar os termos de sua cúmplice Paola Tabet, Nicole-Claude Mathieu é uma mulher excepcionalmente “bem armada”, que apreendeu as ferramentas das duas disciplinas, o que lhe permite desenvolver análises com perspectivas globais, incluindo tanto as sociedades que qualificamos de não-ocidentais quanto as ocidentais, sem estabelecer um corte *a priori* nem exclusivo.

Lembremos a seguir que Mathieu é uma das fundadoras e das principais teóricas de uma das correntes de pensamento mais ricas do fim do século XX, o feminismo materialista (e mais particularmente sua componente francófona²), fruto de uma prática política coletiva bem mais ampla, que se cristaliza em torno das revistas *Questions féministes*, na França, da qual ela era uma das organizadoras desde 1977 até a ruptura de 1980³, e da *Feminist Issues*, em Berkeley. Sua definição do feminismo constitui um ponto de orientação útil:

Eu darei [...] à palavra “feminismo” o sentido corrente e mínimo de: análise feita pelas mulheres (ou seja, a partir da *experiência minoritária*) dos mecanismos de *opressão* das mulheres enquanto grupo ou classe pelos homens enquanto grupo ou classe, nas diversas sociedades, e a vontade de agir pela sua *abolição*. Acho que não é aqui o lugar para expor os debates políticos internos aos movimentos de mulheres no que diz respeito às definições ou táticas. Mas é útil apontar agora que as mesmas divergências entre políticas “feministas” podem ser encontradas de país em país, sejam eles desenvolvidos ou não, capitalistas ou não. (1985a: 172)⁴.

² Uma das principais características dessa corrente é afirmar que as mulheres não são uma categoria biológica, mas uma *classe social* definida por *rappports* [ver nota 5] sociais de sexo, histórica e geograficamente variáveis, centralmente organizados em torno da *apropriação individual e coletiva* da classe de mulheres por aquela dos homens, por meio do que Colette Guillaumin (1978, 1992) denominou *sexage* (sexagem). Esses *rappports* são solidamente apoiados no que ela chamou de ideologia da Natureza – na qual estão subjacentes também os *rappports* sociais de “raça”.

³ Sobre esse ponto, destacamos Duchon (1986), Fougeyrollas-Schwebel (2005), Bourcier (2007).

⁴ Grifo meu.

Assim, não há “sujeito” único nem essencializado do feminismo, mas um conjunto de posições sóciopolíticas (o que, junto com Colette Guillaumin e Danielle Juteau, ela chama de experiência minoritária – cf. Guillaumin, 1981; Juteau, 1981) a partir das quais elabora as análises e lutas, lutas que não são em nenhum caso monolíticas. Longe de toda “sororidade universal”, Mathieu ressalta que a classe das mulheres e suas organizações são atravessadas por conflitos, nos quais ela sempre situou-se claramente, e que não separam o Sul do Norte, nem o capitalismo do socialismo, mas são o fruto de dinâmicas e de lutas no seio da classe de mulheres e no exterior dela, para definir as orientações do movimento. Para as feministas materialistas, nem identitarismo, nem naturalismo, nem irrealismo. Não se trata de defender todas as mulheres ou qualquer mulher, nem de obter a igualdade ou a paridade, nem de fazer a revolução num lar somente ou num país apenas. O objetivo é bem mais radical e, sobretudo, radicalmente diferente: como escreveu Monique Wittig (1969), citada por Mathieu na epígrafe de *A anatomia política (L'anatomie politique)*: “cada palavra deve passar pelo crivo da crítica” para acabar com a ideologia da “diferença dos sexos” e, simultaneamente, com os *rappports*⁵ sociais de poder e a divisão sexual do trabalho que constituem as pessoas em mulheres ou homens.

Terceira baliza: o relativo desconhecimento sobre o trabalho de Mathieu, mesmo tratando-se de reflexões fundadoras, que conduzam a uma renovação completa do pensamento, e mesmo que ela tenha sido a primeira a discutir com seriedade os trabalhos de um certo número de “grandes homens” à respeito dos *rappports* sociais de sexo. Assim, ela metodicamente debateu os trabalhos de Bernard Saladin d’Anglure (sobre o sentido da existência de um “terceiro sexo” nos Inuits – 1992) e de Maurice Godelier (sua teoria do consentimento das mulheres à dominação – 1982), mas também de Pierre Bourdieu (sua “descoberta” da dominação masculina e seu conceito de violência simbólica – 1998) e de Claude Lévi-Strauss (sua interpretação da divisão sexual do trabalho, mas sobretudo da relatividade de seus resultados sobre “a troca das mulheres” em função, principalmente, de seu enfoque redutor sobre as sociedades patrilineares e virilicais – 1949). Ela também esteve entre as primeiras na França a reagir às reflexões de Judith Butler sobre o gênero (Butler, 1990).

⁵ A tradução usual de “rappports” para o português é “relações” (de classe, “raça”, sexo etc.), mas optamos aqui por deixar o termo em francês por compreender que ela não seria suficiente para explicar o pensamento da autora. Em francês, “rappports” trata das ligações estruturais da sociedade, em nível macro, enquanto a expressão “relations”, que também é traduzida por “relações”, diz respeito às relações cotidianas, em nível micro (N.T.).

Uma epistemologia pioneira

Rapports sociaux de sexe: antes do conceito de gênero e além

A epistemologia é sem dúvida um dos assuntos sobre o qual Mathieu mais trabalhou e de maneira fundadora ao menos em três pontos.

Seu primeiro artigo, “Notas para uma definição sociológica das categorias de sexo” (1971), coincide com o começo da segunda onda do feminismo francês e merece permanecer nos anais como guia programático de Sociologia aplicada aos *rapports* sociais de sexo e como exemplo de como o feminismo poderia contribuir para a Sociologia. Mathieu traça nele um paralelo entre a “classe” ou a “categoria sócio-profissional”, uma variável sociologicamente reconhecida porque historicamente desnaturalizada depois de muitas lutas coletivas; a idade, ainda com frequência naturalizada mas tratada de maneira cada vez mais séria à medida em que a “terceira idade” e a “juventude” tem causado um certo número de problemas sociais; e por fim, o sexo. Mathieu mostra como essa última categoria, uma das mais naturalizadas que existe, começa à época a poder ser concebida de maneira sociológica/científica graças à aparição do movimento de mulheres. Ela insiste igualmente sobre a importância de pensar as mulheres (até então quase invisibilizadas aos olhos de inúmeros pesquisadores), mas também os homens (até então tomados como normalidade e modelo neutro da humanidade) como categorias sociais, e sobretudo sobre a necessidade de estudar essas duas categorias de maneira relacional, dialética.

O segundo golpe de mestra vem na continuidade do anterior: a partir de seu artigo seguinte, publicado em 1973, Mathieu coloca “os sexos como produtos de um *rapport* social” (Mathieu, 1991: 43). Ao permitir pensar que o sexo não tem nada de biológico, ela faz com que uma parte das francófonas se distancie das perspectivas anglo-saxãs que estavam em desenvolvimento na linha de Margaret Mead (que tinha mostrado a relatividade cultural dos “papéis sociais” de sexo) e da britânica Ann Oakley, que propõe, em 1972, reagrupar esses papéis arbitrários no conceito “gênero”, para diferenciá-los do “natural”, o sexo. Não há nada disso em Mathieu, para quem o conceito de *rapports* sociais de sexo permite fazer tanto a economia do sexo como do gênero – dois conceitos intrincados – e com a vantagem de nomear claramente os *rapports* sociais e, portanto, de colocar a questão do *poder*. Essas propriedades notáveis do conceito de *rapports* sociais de sexo explicam porque o de gênero se impôs tardia e parcialmente na França. Paralelamente, se o conceito de *rapports* sociais de sexo não foi exportado, apesar de suas qualidades, é porque existe em inglês, espanhol ou português um só termo em vez de dois, para designar de uma vez os *rapports* sociais e as relações sociais, o que leva a confundir os níveis micro (relações sociais, interações entre indivíduos, mais facilmente negociáveis e modificáveis) e macro (*rapports* sociais,

invisíveis à olho nu e muito estáveis fora das lutas coletivas). Pode ser isso que explique a dificuldade de certas/os teóricas/os do continente americano de aproveitar plenamente a perspectiva feminista materialista francófona.

Androcentrismo e etnocentrismo: a crítica das sociedades ocidentais

Bem antes dos debates sobre sexismo e racismo que acompanharam a lei de 2004 sobre a interdição dos símbolos religiosos na escola⁶, ao lançar um olhar crítico sobre as posições da antropologia francesa diante da excisão, Mathieu propôs, em diversos artigos⁷, reflexões agudas não somente sobre o etnocentrismo e suas ligações estreitas com o androcentrismo, mas também sobre o que essas duas atitudes, juntas, mascaram nas sociedades estudadas, mas também e sobre tudo *nas sociedades ocidentais*.

Em um texto com o belo título de “Mulheres do Eu, mulheres do Outro” (“Femmes du Soi, femmes de l’Autre”), Mathieu ressalta que:

Com frequência, as mulheres ocidentais (etnólogas ou não) que insistem sobre a opressão física, econômica e mental das mulheres de um grande número de sociedades são acusadas de se meter em assuntos ‘interiores’ de outros grupos ou povos; elas são acusadas de etnocentrismo, de imperialismo e até mesmo de racismo. (Mathieu, 1987: 606)

Mas em realidade:

- a) Tem mulheres nas sociedades em questão, por exemplo africanas, que se opõem às mutilações e à opressão [...] e não se trata apenas de “valores modernos” [...]
- b) as feministas primeiro denunciaram a barbárie do Ocidente em relação às suas próprias mulheres (entre outras a cliteridectomia do século XIX e a episiotomia do século XX, a escravidão sexual etc.) contrariamente aos colonialistas e aos racistas que só denunciam a barbárie dos outros. (id.: 606)

Depois dessa útil recordação, ela acrescenta:

Dissociar a noção de minoritária da noção de “mulher” nas outras culturas permite (pela acusação de etnocentrismo) negar um problema do qual os/as etnólogos/as fazem parte em sua própria sociedade: o androcentrismo resultando dos rapports de poder entre os sexos. [...] Em breve, falar de ingerência nos “assuntos interiores” de outras sociedades consiste, no que diz respeito aos sexos, de uma

⁶ Na França, em 2004, foi aprovada uma lei que proíbe o uso, inclusive em vestimentas, de símbolos religiosos nas escolas públicas do país. (N.T.)

⁷ Cf. Mathieu (1985b), (1987), (1993), (1995).

parte a se recusar em pensar em nossas questões internas; de outra parte e correlativamente, a continuar dissimulando uma realidade fundamental das sociedades estudadas (id.: 607).

Enfim, sem falsa culpabilidade, ela especifica em um outro texto:

Eu acredito que as acusações de etnocentrismo feitas contra aquelas que insistem sobre a opressão das mulheres pelos homens em sociedades outras são justamente um novo avatar, culpabilizado, do próprio etnocentrismo: considerar as sociedades ocidentais como “à parte” sob o pretexto que oprimem as outras... (1991: 125)

Acusa-se muito hoje as feministas “brancas” de julgar tudo em termos de valores “ocidentais” ou “burgueses” e de querer “universalizar” umas categorias ou experiências muito específicas. Isso está claro no feminismo liberal – dentro do qual estão as instituições internacionais e muitas organizações não-governamentais – e é ainda observável com frequência nas correntes “socialistas” e “radical” (que de resto estão longe de serem compostas unicamente de “brancas”, “ocidentais” ou de burguesas”). No entanto, Mathieu está em outra parte. No seu trabalho, não se trata de universalizar, nem de guiar quem quer que seja, mas de pensar as diferenças e as semelhanças entre as sociedades ditas não ocidentais e aquelas ditas ocidentais:

Parece mais esclarecedor reconhecer que, na maioria dos casos, existe, no que concerne o poder dos homens sobre as mulheres, o “viriarcado”⁸, uma similitude estrutural entre nossas sociedades e as outras – para além de conteúdos específicos [...]. Esse caráter de proximidade quanto aos rapports de sexo entre sociedades ocidentais e outras sociedades – especialmente patrilineares, patrivirilocais e fortemente viriarcas (que representam mais de 80% das sociedades conhecidas e sobre as quais são baseadas a maior parte das teorizações etnológicas) – produz por vezes cegueiras e empatias entre as/os pesquisadoras/as e as/os etnólogos. (id.: 125-126).

É graças à essa compreensão que Mathieu nos propõe suas análises mais apaixonantes.

⁸ Trata-se de um conceito forjado por Mathieu para fazer referência ao poder dos homens enquanto pessoas do sexo masculino, mais que como pais ou patriarcas – o conceito de patriarcado parecia-lhe insuficiente.

Uma análise global, mas não universalizante das ligações entre anatomia e economia política

Corpos que importam: a anatomia política

Depois de *L'arraisonnement des femmes*⁹ (que ela coordena em 1985a), o livro que reúne apenas artigos de Mathieu tem sido publicado graças à editora Côté-femmes, na coleção “Recherches” (1991), que também publicou uma seleção muito útil de trabalhos de Colette Guillaumin (1992). O título da obra de Mathieu é um programa por si mesmo: *A anatomia política. Categorizações e ideologias do sexo*. Prova de que as materialistas não ignoram, de maneira nenhuma, o corpo, que há muito tempo importa para Mathieu e que é, para ela, um construto social (modificável e modificado). Mas a originalidade de Mathieu em relação àquelas que vêm depois é que ela constata muito claramente que, apesar de todas as transformações do corpo, desvios [déviation] ou resistências, como ela conclui na penúltima página de seu livro, “na base e embaixo da escala dos gêneros achamos sim as fêmeas: o sexo social ‘mulher’” (id.: 266). Mathieu não tem, no entanto, nada de vitimista: a última página de *A anatomia política* apresenta a foto de uma mulher de 90 anos que carrega nas mãos duas armas com as quais ela “capturou um ladrão que quis roubá-la na sua casa” (id.: 267). Assim as mulheres, mesmo na vulnerabilidade de uma idade avançada, podem resistir às agressões de maneira concreta, direta, violenta e não unicamente simbólica. Entre as ferramentas para a transformação dos *rappports* sociais de sexo, Mathieu nos mostra bem mais a arma de fogo do que a gravata.

Diversidade nas maneiras de conceber a articulação sexo, gênero e sexualidade

Para Mathieu então, a anatomia (construída) importa muito. No entanto, o mais importante é a diversidade sociocultural e histórica das interpretações que são feitas dessa anatomia, como ela demonstra em seu artigo magistral “Identidade sexual/sexuada/de sexo? Três modos de conceitualização do *rappport* entre sexo e gênero”¹⁰. Nele, ela responde a Saladin d’Anglure, segundo quem a existência de um “terceiro sexo” na sociedade invalidaria a binariedade dos gêneros e dos sexos – enfraquecendo a teoria da opressão das mulheres. Mathieu analisa essa “descoberta” a partir das análises de numerosas outras práticas “desviantes”,

⁹ Título de difícil tradução. “*Arraisonnement*” pode ser tanto no sentido de razoável, como de prender, de amarrar, ancorar. Seria algo como *O aprisionamento das mulheres*. (N.T.)

¹⁰ É a partir de 1982, durante o Xº Congresso Mundial de Sociologia, no México, que Nicole-Claude Mathieu apresenta os fundamentos desse trabalho. Ele foi publicado em 1989 em Daune-Richard, Hurtig e Pichevin, e depois em *A anatomia política* (1991).

individuais ou coletivas, permanentes ou ocasionais, que dizem respeito à sexualidade, ao gênero ou ao sexo – que um pensamento um pouco ingênuo ou ocidentalocêntrico qualificaria hoje, despreocupadamente, sem contextualização suficiente, de *queer*. Ela demonstra então que numerosos casos de transgressão são, na realidade, mecanismos institucionalizados de adequação que não colocam em questão a norma e, sobretudo, que não existe uma só maneira de conceber a articulação entre sexo, gênero e sexualidade (a concepção ocidental dominante atualmente), mas três:

- Modo I: Identidade “sexual”, baseada sobre uma consciência individualista do sexo. Correspondência homológica entre sexo e gênero: o gênero traduz o sexo;
- Modo II: Identidade “sexuada”, baseada sobre uma consciência de grupo. Correspondência analógica entre sexo e gênero: o gênero simboliza o sexo (e vice-versa);
- Modo III: Identidade “de sexo”, baseada sobre uma consciência de classe. Correspondência sociológica entre sexo e gênero: o gênero constrói o sexo (Mathieu, 1991 [1989]: 231).

Dessa maneira, Mathieu permite analisar três pontos cruciais. O primeiro é que nesse caso também, as clivagens não passam entre sociedades ocidentais e não ocidentais, mas no próprio seio de cada sociedade. Por exemplo, se o modo II é mais característico das sociedades ditas tradicionais, alinham-se nele também certas correntes lésbicas ou feministas ocidentais (certas feministas socialistas na Grã-Bretanha, a tendência “luta de classes” na França). As lésbicas políticas como Wittig e as feministas materialistas como Tabet estão, por sua vez, convencidas do modo III, ao qual aderem igualmente grupos de mulheres em luta na China ou em Serra Leoa. Já toda uma parte dos movimentos homossexuais e lésbicos, mas também *queer* e trans, são fundados sobre uma adesão inconsciente ao modo I, que é o mais naturalista – e o mais frequente nas sociedades ocidentais. Enfim, as transgressões (reais ou supostas) do sexo, do gênero ou da sexualidade não resolvem o problema de fundo, a saber, que as fêmeas são em todo caso quase sempre colocadas embaixo na escala social¹¹. É por isso que os movimentos homossexuais, sob hegemonia masculina, não são naturalmente aliados dos movimentos feministas e lésbicos, que lutam em primeiro lugar pelos interesses da classe de mulheres. Mathieu também nos lembra que o problema da classe de mulheres não é tanto a definição arbitrária dos gêneros ou a obrigação às práticas sexuais heterossexuais (consequências sociais da apropriação),

¹¹ Mathieu destaca especialmente o exemplo de berdaches de sexo feminino, que mesmo que consideradas socialmente como homens, podem ser estupradas e são, com frequência, vistas como tendo menos técnica e menos poderes espirituais que os berdaches de sexo masculino (1991: 263-264).

mas sua inferioridade proclamada em relação à classe dos homens, a obrigação à maternidade social e, sobretudo, a negação quase total do acesso aos recursos.

As ferramentas e as armas contra o arraisonnement

A consciência das/s dominadas/os: uma 'esquizofrenia' constitutiva e potencialmente política?

Um dos textos mais conhecidos de Mathieu é, provavelmente, “Quando ceder não é consentir...”¹², em que ela analisa magistralmente os determinantes materiais da consciência das/os dominadas/os a fim de contestar a ideia de Godelier segundo a qual as mulheres “*consentiriam*” à sua situação. Ela também critica com vivacidade o termo “dominação”, utilizado pelos majoritários que não deixam de se sentir lisonjeados por serem “dominantes”, e descartado pelas/os minoritárias/os, para quem esse termo confunde a compreensão:

A palavra “dominação” chama atenção para os aspectos relativamente estáticos, de “posição acima”, tal como a montanha que domina; de “autoridade” e de “maior importância”. Enquanto que o termo opressão implica e insiste sobre a ideia de violência exercida, de excesso, de sufocamento [...]. (1991 [1985a]: 236).

Vejam os três pontos importantes desse artigo. O primeiro, o peso dos determinantes materiais, corporais da consciência, e mais particularmente do esgotamento físico crônico das mulheres, aliado à desnutrição generalizada, sobre o qual Mathieu é uma das raras a ressaltar. A segunda evidência a ser notada acaba sendo frequentemente silenciada: a divisão desigual da “cultura” segundo o sexo. Mathieu nos faz lembrar em alto e bom tom que as mulheres geralmente não tem acesso às mesmas informações sobre a “sua” cultura que os homens – seja no acesso à alfabetização, à educação científica ou sexual, ou aos conhecimentos religiosos, filosóficos ou esotéricos. Uma lembrança fundamental diante do crescimento dos nacionalismos, sejam majoritários ou minoritários: Mathieu nos permite pensar que as mulheres não teriam que ser obrigadas a se alinhar a um campo ou a outro, já que “seus” próprios homens lhes excluem em geral da definição, da plena participação e da possibilidade de encarnar a versão mais legítima de “sua” cultura. Terceiro elemento importante: a explicação, no caso das mulheres, daquilo que outras pessoas começaram a teorizar simultaneamente para “raça” ou na perspectiva da imbricação entre sexo e “raça”, e que eu proponho chamar de *esquizofrenia legítima e política das minorias*. Mathieu traz o

¹² Publicado em 1985 em O aprisionamento das mulheres (1985a) e reproduzido em A anatomia política (1991).

exemplo das expectativas sociais diferentes sobre mulheres e homens durante certas cerimônias de escarificação nas quais tem que se demonstrar coragem diante da dor (o ideal “cultural” é: aguentar). Ora, se os homens tem que provar uma resistência máxima, as mulheres devem se autolimitar, porque se elas demonstrarem “demasiada” coragem, elas serão consideradas como futuras esposas más (se aguentam a dor, os golpes não terão efeito sobre elas). Em outros termos, as mulheres devem aderir aos valores dominantes de “sua” sociedade, sabendo ao mesmo tempo ficar “em seu lugar”, ou inclusive incarnando simultaneamente o contrário de tudo o que é considerado como masculino e que constitui geralmente o ideal cultural. Ser e não ser: o problema é complexo. Para solucioná-lo, muitas minorias desenvolvem uma espécie de esquizofrenia, emocionalmente extenuante, por vezes patógena, mas que pode levar a uma lucidez individual particularmente acentuada e tornar-se uma verdadeira base epistemológica para a luta coletiva, como bem ressalta a teórica chicana Gloria Anzaldúa (1999) em sua análise da “consciência da Mestiça”, assim como mulheres e feministas negras como, bell hooks (1981, 1984) e Patricia Hill Collins (1990) a propósito do “privilégio epistêmico” das mulheres e das feministas negras, ou ainda Paul Gilroy (2003) em sua análise da “dupla consciência” enraizada na experiência da escravidão.

Bourdieu: riso e raiva com os “grandes homens”

Quinze anos depois da brilhante refutação, por Mathieu, do conceito de dominação, à qual o autor parece totalmente ignorar, Pierre Bordieu faz um grande sucesso com seu fino livreto *A dominação masculina* (1998), que retoma um artigo já publicado muito antes, em 1990, nos *Actes de la recherche en sciences sociales*. Se o sucesso desse livro explica-se facilmente por sua brevidade, sua benignidade para com os dominantes e a notoriedade do autor, trata-se, como demonstra Mathieu em um artigo publicado no ano seguinte na revista *Temps modernes* (1999), de um trabalho de uma insustentável leviandade científica. Com um humor corrosivo, Mathieu salienta a que ponto a publicação do grande homem escapa às regras mínimas do trabalho científico¹³.

Sabemos que, para além da fragilidade do conceito de dominação, é sobretudo o conceito de violência “simbólica” desenvolvido por Bourdieu que é problemático. Como socióloga bem informada, Mathieu não pode deixar de destacar o imenso peso da violência real, *material*, exercida contra as mulheres pelos homens, analisada durante já muitas décadas pelas feministas e que a pes-

¹³ Podemos também aproveitar a leitura de Fougeyrollas-Schwebel (1993), Louis (1999), Devreux (2010).

quisa nacional oficial ENVEFF (Énquete nationale sur les violence envers les femmes en France / Pesquisa nacional sobre as violências contra as mulheres na França) confirmara em 2002 (cf. Jaspard et al. 2003). E enquanto Bourdieu apresentava o amor como possível remédio à dominação masculina, com uma ingenuidade e uma ignorância impressionantes para um cientista da sua idade e da sua categoria, a pesquisa ENVEFF lembrará também que a violência contra as mulheres é exercida com mais frequência na família, por pessoas que teoricamente as amam.

Enfim, lembremos as oito críticas dirigidas por Mathieu ao aluno Bourdieu, que seria imediatamente reprovado se aplicássemos a seu trabalho os critérios científicos clássicos. 1) Não citação de autoras importantes que tem trabalhado sobre o tema (como Françoise Héritier, sua colega no Collège de France, mas também Christine Delphy, Colette Guillaumin, Paola Tabet); 2) Referência rápida a certos grandes autores, deformando sua teoria (Claude Lévi-Strauss); 3) Referência a certas autoras com alusões distorcidas às suas teorias ou sem alusão teórica e acerca de um detalhe (Gayle Rubin, Gail Pheterson); 4) Alusão, sem citação do autor, a certas teorias diretamente relacionadas ao sujeito (Maurice Godelier); 5) Polvilhar de referências (anglo-saxãs, principalmente); 6) Ter recorrido provavelmente a notas de segunda mão (confundindo e misturando a Jeanne Favret-Saada com Nicole-Claude Mathieu); 7) Utilizar um título abusivo e enganador para sua obra (“A parte simbólica incorporada da dominação masculina” teria sido mais exato); e, por fim, 8) “ao trabalho do candidato falta rigor técnico, metodológico e deontológico. Ele peca pelo pensamento, pela ação, pela omissão e pela distorção. O conjunto é para ser interpretado como uma recusa a dar lugar à confrontação entre diferentes análises, o que dá à sua tese um estatuto de asserção, e não de demonstração” (Mathieu, 1999: 298). Agrega essa observação, que poderia se aplicar a numerosos outros trabalhos: “Podemos nos perguntar se não se trata [...] de uma demonstração particularmente chamativa da dominação masculina, que redobra a opressão das mulheres pela supressão ou a distorção das suas experiências e de suas análises” (id.).

Longe do viriarcado e do matriarcado: quando as filhas são uma benção

Nos últimos anos, Mathieu publicou principalmente artigos de síntese e de esclarecimento conceitual. Entre eles, assinalamos uma clara crítica ao conceito de matriarcado (2004), particularmente útil para encurtar discussões inúteis sobre o “poder oculto” das mulheres e o espectro da inversão de papéis. Mathieu deplora a instrumentalização de um conjunto de práticas supostamente “matriarcais” em certas sociedades para fins ideológicos ou mesmo turísticos. Sobretudo, ela se

volta para dois pontos-chave: o primeiro, que nós não conhecemos sociedades “matriarcais” onde os homens seriam tratados como as mulheres o são nas sociedades viriarcas. Em nenhum lugar no tempo e no espaço existe uma simetria na brutalidade da opressão a que uns/umas submetem as/os outras/os. Segundo, essa simetria não é de maneira nenhuma, nem o passado glorioso, nem o futuro radiante que reivindica o feminismo materialista, para o qual o objetivo não é inverter a opressão, senão abolir os *rappports* sociais de sexo viriarcas.

Esse texto constitui também uma espécie de introdução à grande obra à qual Mathieu se dedicou durante a última década, co-editada com a jovem antropóloga Martine Gestin: *Uma casa sem filha é uma casa morta. A pessoa e o gênero nas sociedades matrilineares e/ou uxoriarcas* (2007).

Esperada há muito tempo, essa obra constitui uma luz na cegueira da Antropologia clássica (de mais de 500 páginas): por mais surpreendente que possa parecer, além de Alice Schlegel (1972), que havia trabalhado com 66 sociedades matrilineares, ninguém tinha ainda analisado sistematicamente e de maneira comparativa as sociedades uxoriarcas¹⁴. Estas representam 7% das 565 sociedades reconhecidas na *World ethnographic sample* de 1957 – mas elas constituem 20% das sociedades na África, um quarto no Pacífico e chegam a um terço na América do Norte. Quais são as razões para tal cegueira? Notaremos que, justamente, sem constituírem “matriarcados”, essas sociedades são menos desiguais que as outras do ponto de vista dos *rappports* sociais de sexo, ao tempo que são historicamente anteriores ao modo de produção capitalista e que se situam fora do mundo ocidental – quem adora tanto acreditar estar na dianteira dos “avanços” da igualdade dos sexos.

A obra reúne 15 autoras/es analisando 14 sociedades extremamente diversas – com matrilinearidade ou uxoriarcasidade mais ou menos forte, variações no grau de envolvimento na sociedade nacional e pesos demográficos variados¹⁵. Uma boa metade são ainda vigorosas e uma delas, a sociedade Ngada da Indonésia, constitui um dos raros casos conhecidos de passagem da patrilinearidade virilocal à matrilinearidade uxoriarcasidade (o inverso é geralmente apresentado como a evolução “natural” das sociedades). As sociedades matrilineares e sobretudo uxoriarcasidade são particularmente interessantes por pelo menos quatro razões:

- A matrilinearidade coloca estruturalmente a produção das filhas na continuidade do grupo que funda a identidade individual da sociedade;
- o poder masculino é mais fraco que nas sociedades patrilineares;

¹⁴ Sociedade onde os recém-casados se instalam na casa da família da esposa ou próximos dela. Do latim: uxor=esposa

¹⁵ A sociedade Minangkabau, em Sumatra, conta com cerca de 3 milhões de pessoas.

- eventualmente, a matrilocalidade reforça a matrilinearidade;
- enfim, a uxori-matrilocalidade reforçaria a consciência de grupo sexuado entre as mulheres graças à sua estabilidade territorial.

As aberturas teóricas contidas nessa obra são apaixonantes e impossíveis de serem resumidas aqui.

No final de nossa travessia, constatamos que a obra pioneira de Nicole-Claude Mathieu vai nos alimentar por muito tempo ainda. A partir de 1973, a sua afirmação que os sexos são uma construção social permite sair do impasse ao qual as correntes dominantes do “gênero” parecem ter-nos conduzido, onde, reagindo à ideia de que feminino e masculino seriam essências ou identidades naturais, chegamos a analisá-los como pura ficção. A perspectiva dos *rappports* sociais de sexo revela-se, nesse sentido, muito mais heurística que a do gênero. Falta, certamente, aprofundá-la, em especial no domínio da co-formação dos *rappports* sociais de poder (de “raça” e classe especialmente). Tomara que isso seja feito, na perspectiva aberta por Mathieu, partindo das/os oprimidas/os elas/ eles mesmas/os, a fim de estabelecer, a partir da sua consciência, uma verdadeira ciência, não tanto sobre as/os oprimidas/os mas *para colocar fim à opressão*.

Publicações de Nicole-Claude Mathieu citadas no artigo

Para consultar a bibliografia completa de Nicole-Claude Mathieu acesse: <http://las.ehess.fr/docannexe.phd?id=219>

- (1971). Notes pour une définition sociologique des catégories de sexe. *Épistémologie sociologique*, n. 11.
- (1973). Homme-culture et femme-nature? *L’Homme, revue française d’anthropologie*, vol. 13, n. 3.
- (1985a). *L’arraisonnement des femmes. Essais en anthropologie des sexes*. Paris: Éd. de l’EHESS “Cahiers de l’Homme”.
- (1985b). “Critiques épistémologiques de la problématique des sexes dans le discours ethno-anthropologique”. Relatório para a UNESCO.
- (1987). “Femmes du Soi, femmes de l’Autre”. In *Vers des sociétés pluriculturelles: études comparatives et situation en France*. Actes du Colloque international de l’Association française des anthropologues, Paris, 9-11 janvier 1986. Éd. de l’ORSTOM “Colloques et séminaires”.

- (1989). “Identité sexuelle/sexuée/de sexe ? Trois modes de conceptualisation du rapport entre sexe et genre”. In DAUNE-RICHARD, Anne-Marie; HURTIG, Marie-Claude; PICHEVIN, Marie-France (eds). *Catégorisation de sexe et constructions scientifiques*. Aix-en-Provence: Petite collection CEFUP.
- (1991). *L'anatomie politique. Catégorisations et idéologies du sexe*. Paris: Côté-femmes “Recherches”.
- (1993). Questions à l'éco-féminisme. In: D'AVILA, Maria Inácia, DE VASCONCELOS, Naumi (eds). *Ecologia, feminismo, desenvolvimento*. Rio de Janeiro: EICOS/Universidade Federal do Rio de Janeiro “Série Documento EICOS, 1”. *Nicole-Claude Mathieu ou la conscience des opprimés...* 23
- (1995). Relativisme culturel, excision et violences contre les femmes. In: Sexe et race. Discours et formes nouvelles d'exclusion du XIX^e au XX^e siècles. Tome 9. Paris: CERIC, Université Paris 7.
- (1999). Bourdieu ou le pouvoir auto-hypnotique de la domination masculine. *Les Temps modernes*, n. 604 “Sur la domination masculine : réponses à Pierre Bourdieu”.
- (2004). ‘Matriarcat’ ou résistance ? Mythes et réalités. *Espace lesbien*, n. 4.
- (2007) (ed). *Une maison sans fille est une maison morte. La personne et le genre en sociétés matrilineaires et/ou uxori-locales*. Paris: Éd. de la MSH.

Outras referências

- ANZALDUA, Gloria (1999 [1987]). *Borderlands: La Frontera, The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute.
- BOURCIER, Marie-Hélène (2007). Wittig la politique. In: WITTIG, Monique. *La pensée straight*. Paris: Éd. Amsterdam.
- BOURDIEU, Pierre (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil.
- BUTLER, Judith (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.
- DEVREUX, Anne-Marie (2010). Pierre Bourdieu et les rapports entre les sexes : une lucidité aveuglée. In: CHABAUD-RYCHTER, Danièle et al. (eds). *Sous les sciences sociales, le genre. Relectures critiques de Max Weber à Bruno Latour*. Paris: La Découverte.
- DUCHEN, Claire (1986). *Feminism in France, From May '68 to Mitterrand*. London & Boston: Routledge & Kegan Paul.

- FALQUET, Jules (2011). Pour une anatomie des classes de sexe : Nicole-Claude Mathieu ou la conscience des opprimé-e-s [Lecture d'une œuvre]. *Cahiers du Genre*, n. 50, p. 193-217
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique (1993). Aux marges de la domination masculine : le féminisme. *Futur antérieur* "Féminismes au présent", supplément.
- _____ (2005). Controverses et anathèmes au sein du féminisme français des années 70. *Cahiers du genre*, n. 39 "Féminisme(s) : penser la pluralité".
- GILROY, Paul (2003). *L'Atlantique noir. Modernité et double conscience*. Lille & Paris: Kargo & Éclat [éd. originale en anglais, 1993].
- GODELIER, Maurice (1982). *La production des grands hommes*. Paris: Fayard.
- GUILLAUMIN, Colette (1992). *Sexe, race et pratique du pouvoir, l'idée de nature*. Paris: Côté-femmes.
- _____ (1981). Femmes et théories de la société : remarques sur les effets théoriques de la colère des opprimées. *Sociologie et sociétés*, vol. 13, n. 2.
- _____ (1978). Pratique du pouvoir et idée de Nature. (I) L'appropriation des femmes. (II) Le discours de la Nature. *Questions féministes*, n. 2-3.
- HILL COLLINS, Patricia (1990). *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. London: Harper Collins.
- hooks, bell (1981). *Ain't I a Woman? Black Women and Feminism*. Boston, South End Press.
- _____ (1984). *Feminist Theory from Margin to Center*. Boston, South End Press.
- JASPARD, Maryse et al. (2003). *Les violences envers les femmes en France. Une enquête nationale*. Paris La Documentation française "Droits des femmes".
- JUTEAU-LEE, Danielle (1981). Visions partielles, visions partiales : visions des minoritaires en sociologie. *Sociologie et sociétés*, vol. 13, n. 2.
- LEVI-STRAUSS, Claude (1949). *Les formes élémentaires de la parenté*. Paris: PUF.
- LOUIS, Marie-Victoire (1999). Bourdieu: défense et illustration de la domination masculine. *Les Temps modernes*, n. 604 "Sur la domination masculine : réponses à Pierre Bourdieu".
- OAKLEY, Ann (1972). *Sex, Gender and Society*. London: Temple Smith.
- SALADIN D'ANGLURE, Bernard (1992). Le troisième sexe. *La Recherche*, n. 245.
- SCHLEGEL, Alice (1972). *Male Dominance and Female Autonomy: Domestic Authority in Matrilineal Societies*. New Haven: Human Relations Area Files Press.
- WITTIG, Monique (1969). *Les guérillères*. Paris: Minuit.